

Elizabeth Adler

A ÚLTIMA A SABER

Tradução
Ana Ribeiro

*Quinta Essência**

PRÓLOGO

Não será a primeira vez que mato, embora não seja um desses assassinos em série ambulantes, de impulso. Sou discreto, cuidadoso, até picuinhas em relação a quem mato e porquê.

Não sou uma pessoa má; pelo contrário, considero-me se não bom, pelo menos bondoso. Sou bom para os animais, a menos que me façam mal, sou agradável para os bebés, porque não vale a pena sentir-me ofendido por eles, e sei ser encantador o bastante para enganar a maior parte das pessoas.

«Homicídio?», poderão estar a perguntar. Estarei a falar despreocupadamente, a sério, de homicídio? Não diria isso. Há uma razão para eu escolher quem deve deixar esta vida, e é sempre lógica. Agora escolhi o próximo.

Rose Osborne ainda não está morta, mas vai estar. E em breve. Mais tarde, irei explicar-vos exatamente porquê.

Como posso não ser mau se falo de matar alguém com tamanha facilidade? Acreditem que sou tão normal como vocês, que me estão a julgar.

Nunca me haverão de conhecer, de me encontrar. As mordidas sexuais, demoradas e fantasiosas do vampiro não são para mim. Se querem sangue, então a artéria femoral, na ligação entre a coxa e os genitais, rasga-se facilmente ao mesmo tempo que dá acesso às partes mais intrigantes e secretas da anatomia.

A faca é o meu método predileto. Já o usei mais que uma vez, se bem que em certas ocasiões outros métodos mais adequados funcionam melhor, como verão mais tarde.

Atentem, portanto, no facto de que me encontro entre vocês. Sou aquele que ajuda sempre no abrigo dos animais, nas cenas de acidente, com os idosos... sou «normal» a esse ponto. E é por isso que vocês, tal como a Rose, serão sempre os últimos a saber.

1

EVENING LAKE, MASSACHUSETTS, 3 DA MANHÃ

A casa de férias de Harry Jordan de madeira era certamente a mais pequena, bem como uma das mais antigas de Evening Lake, uma estância onde nunca acontecia nada de mal, como homicídios, mas que em anos recentes se tornara demasiado elegante para o gosto de Harry: muito ao estilo *cocktail*; demasiadas esposas loiras solitárias de olhos famintos; demasiados cães em miniatura a espreitar das janelas de *Range Rovers*. É de referir que o carro do próprio Harry, um clássico *E-type* britânico de corrida, do ano de 1969 e quitado, verde com assentos em pele, era sem dúvida de fazer parar o trânsito, mas Harry tinha-o porque o adorava e não para dar nas vistas. E o cão que geralmente era visto a olhar pelas janelas era arraçado de malamute com semelhanças extraordinárias com um lobo, mas com espantosos olhos azul pálidos.

Chamava-se *Squeeze* e ia com Harry para todo o lado. O que, dado Harry ser detetive de homicídios da força policial de Boston, significava que *Squeeze* já tivera uma boa perspectiva da vida dura nas ruas, bem como do ambiente felpudo do apartamento de Harry em Beacon Hill. O cão não só sabia que o melhor lugar da cidade para comer era o Ruby's Diner, perto da esquadra, como conhecia a localização dos melhores bares. *Squeeze* tinha uma boa vida, e assim pensara Harry, ele também, até à semana anterior, altura em que a mulher com quem se ia

casar o deixara e fora para Paris. Era essa a razão por que estava ali em Evening Lake. Sozinho. Tirando o cão.

Squeeze era o despertador de Harry. Todas as manhãs, às cinco e meia, mesmo nos raros dias de folga de Harry, ficava à espera, de olhos fixados no mostrador digital verde cintilante do relógio, batendo-lhe com a pata rápida ao primeiro toque. Geralmente, a única coisa que acontecia era Harry virar-se e ficar de costas. Passados mais uns minutos, o cão saltava para a cama e pousava a cabeça enorme no peito de Harry, olhando-o fixamente. Mais uns minutos e Harry gemia debaixo do peso do animal, abria os olhos e olhava diretamente para os do cão. Este não se mexia e Harry não tinha outra escolha senão levantar-se. Era essa a rotina matinal deles. A diferença era que agora ainda não era de manhã.

Eram três horas, a altura mais negra da noite. E estavam de férias no lago. Então, pensou Harry, o que se passava com *Squeeze*? Deixava sempre aberta a porta que dava para o alpendre para que o cão a pudesse empurrar sempre que precisasse. Devia ter acontecido alguma coisa.

Sentou-se e olhou para o animal, que estava junto à porta, tenso como a mola de um sistema elétrico, a olhá-lo intensamente. Sabendo que não tinha alternativa, levantou-se da cama e foi à procura das calças.

Aos quarenta anos, Harry tinha uma boa aparência, quase um metro e noventa, era musculoso apesar da falta de exercício a sério e da sua dieta errática de comida de plástico ingerida à pressa. Apresentava agora na frente alguns sulcos e o cabelo escuro começava a ter umas entradas nas têmporas e nunca parecia ter sido penteado, e talvez não tivesse sido se ele estivesse com pressa, e geralmente estava; os olhos cinzentos e francos, sob sobrancelhas farfalhudas, pareciam reparar em tudo numa pessoa com um olhar de relance e também parecia nunca ter tempo para se barbear decentemente, portanto, às vezes a sua barba era áspera. A barba por fazer definia-o. Pelo menos, era

o que achavam as mulheres. Achavam-no atraente. Os colegas não concordavam. Chamavam-lhe «o Prof» por causa da licenciatura tirada na faculdade de direito de Harvard, conseguida da maneira mais difícil e, para Harry, amargamente entediante. Desistira havia anos para se tornar recruta no departamento da polícia. O argumento que usava era o de não querer desperdiçar tempo a deixar em liberdade criminosos usando aspetos técnicos jurídicos a troco de grandes honorários; preferia estar nas ruas a apanhá-los.

Harry subira a pulso dos carros-patrolha para detetive sénior. E era bom no que fazia.

O que poucos colegas sabiam sobre si – porque para ele não era importante e, além do mais, não era da conta de ninguém – era que aos trinta anos herdara um fundo fiduciário criado pelo avô que fizera dele um homem rico. Pelo menos, suficientemente rico para comprar a casa geminada de arenito em Beacon Hill, Boston, que transformou em apartamentos. Alugou os três andares superiores, mas conservou para si o apartamento do rés do chão. Remodelou a casa de acordo com as suas exigências, murou o jardim e depois comprou um cão. O malamute.

A noiva de Harry não tinha gostado de partilhar o seu homem com um cão muito grande e muito presente. Opôs-se quando *Squeeze* saltou pela primeira vez para o *Jaguar* e se sentou num ápice ao lado de Harry, enquanto era esperado dela que se esforçasse para caber no pequeno espaço atrás a que quase se podia chamar assento. Também não gostara dos horários de Harry, especialmente os noturnos. «Já nunca me levas a jantar», queixava-se, se bem que gostasse quando Harry cozinhava.

Para um homem cuja existência dependia de comida ingerida em movimento, Harry era um cozinheiro muito bom, ainda que só de especialidades antiquadas como massa *Alfredo*, camarão à livornesa, esparguete à bolonhesa – todas estas receitas tiradas de um livro raro e adorado de culinária de Vincent Price, com ementas e receitas de alguns dos maiores restaurantes do mundo,

de cerca de 1970. Uma época que Harry preferia em termos de sabores para esquecer os *chefs avant-gard* dos nossos dias e aquilo a que ele chamava comida torturada: gostava dela simples e, se tivesse sorte, boa. Se não, então um hambúrguer bastava.

Era contudo picuinhas com o vinho. Harry gostava de um bom clarete. Nunca chamava *cabernet* a um bom vinho tinto nem confiava no *chardonnay* – preferia um graves ou um bordéus branco.

Fosse como fosse, pensava agora Harry, enquanto fazia deslizar as pernas para fora da cama e olhava pela janela para Evening Lake, que naquela noite sem Lua brilhava negro; fosse como fosse, Mallory Malone, a noiva que ele tanto amara, a rapariga dos seus sonhos, fartara-se. Dissera-lhe que Paris seria mais divertida do que outra noite sozinha em Boston à espera de que o telefone tocasse ou do que partilhar mais frango frito para fora e uma garrafa do seu vinho tinto bom.

– Posso partilhar uma garrafa de um bom bordéus com quem quiser em Paris – acrescentara.

Harry tinha visto lágrimas nos olhos de Mal quando ela saíra pela porta da última vez, sem a bater com força, se bem que ele imaginasse que teria todo o direito de o fazer. Não fora atrás dela. Não teria funcionado; ele sabia-o, ela também. Não da maneira como as coisas estavam, com ele dedicado ao seu trabalho. Ao passo que, por ele, ela abdicara do seu programa televisivo de sucesso, *investigações especiais*, que aprofundava casos de crimes passados por resolver.

Harry tinha telefonado a Carlo Rossetti, o melhor amigo e colega, transmitira-lhe as notícias e, pela primeira vez na sua carreira policial, disse que precisava de tirar algum tempo para si. Precisava de uma pausa. Queria afastar-se por um tempo de esfaqueamentos, tiros e mortes nas ruas. Tinha de repensar a sua vida. Precisava de estar sozinho e o velho tugúrio cinzento de pesca que pertencera ao avô, feito de madeira e junto ao lago, era o sítio ideal.

Consistia em duas divisões com escassa mobília, uma cozinha de canto com uma placa elétrica e um micro-ondas, um chuveiro de azulejos brancos que precisava de ser rebocado – tarefa que Harry prometera a si mesmo realizar enquanto ali estava –, um alpendre com um velho grelhador *Weber* cor de laranja de três pernas, com uma tampa e vários anos de gordura chamuscada. Havia um molhe de madeira estreito e um barquinho a remos com um pequeno motor externo. Não eram permitidas lanchas no lago, apenas barcos como o de Harry e à vela. Um bosque de bétulas, cujos troncos prateados brilhavam na noite, protegia-o da estrada arenosa que circundava o lago, conferindo-lhe privacidade, embora tivesse uma excelente vista das casas das redondezas, muito maiores e mais grandiosas do que a sua, e também das que ficavam na outra margem, a maior das quais estava na posse de uma loira vistosa, cuja filha aparentava ter uns dezoito anos, se bem que, quando Harry a via no minimercado, pensasse que, com o seu cabelo liso loiro pálido e o olhar azul evasivo, podia estar mais perto dos treze. Ao olhar agora para o lago, passou-lhe pela cabeça que era estranho, com uma casa tão grande, que houvesse tão pouca diversão. Ao contrário dos restantes veraneantes, não faziam ali festas, nem noitadas de churrascos, não havia gargalhadas alcoólicas. E aparentemente a jovem filha não tinha amigos. Tão diferente da família Osborne, que vivia a umas casas de distância. Encontrava Rose Osborne nas suas caminhadas de manhã cedo. Também ela parecia estar sempre sozinha. Trocavam saudações matinais. Ela dizia-lhe que ele devia aparecer lá por casa, a casa deles estava sempre aberta, mas Harry nunca o fizera. Achava Rose atraente: era uma mulher de aspeto suntuoso, roliça, cheia e... acolhedora... era a melhor palavra que encontrava para a descrever, com o seu cabelo comprido encarcado, muitas vezes preso num rabo-de-cavalo desalinhado, os seus olhos castanhos intensos, as pernas compridas e – claro que reparara – os tornozelos finos. Parecia sempre que se arranjava

à pressa, com uma *sweatshirt*, calças curtas e ténis, e às vezes estava na bicicleta. «A fazer o meu exercício matinal», dizia ela em voz alta ao passar, lançando-lhe um sorriso de que, na qualidade de homem só que agora era, Harry gostava muito. Ainda assim, talvez por se sentir atraído por ela, nunca aceitara o convite de Rose, nunca passara por casa dela para tomar o tal café ou a tal bebida à noite. Respeitava o casamento e as mulheres casadas não faziam o seu género. Além disso, continuava a ser um homem apaixonado. Por Mallory Malone. Ou, pelo menos, achava que sim. Achava que talvez ela também estivesse apaixonada por ele. Um bocadinho, talvez.

Via, contudo, de vez em quando, outros membros da família Osborne a sair e a entrar, um filho de olhar distante em idade universitária com um ar que dizia «fica longe de mim» e que Harry interpretava como traduzindo um problema; duas adolescentes fofas e um rapaz, de uns onze anos, magricela, de cabelo ruivo e, ao contrário do resto da família atarefada, sempre sozinho. Harry reparava nesse tipo de coisas e perguntava-se porque estaria o rapaz sempre sozinho. Também notara que ele se escondia no alto da figueira, que teria um ramo, deduzia ele, que levava até à janela do seu quarto. O miúdo sentava-se portanto lá em cima a espiar a família e o resto do mundo. Provavelmente daria um bom detetive.

E depois havia o marido, Wally Osborne. O escritor famoso. Wally escrevia uns romances assustadores que faziam levantar os pelos da nuca e que eram adaptados ao cinema, em filmes que davam vontade de gritar bem alto: «Olha para trás, está lá o assassino!»

Seria de esperar que o autor de livros cheios de maldade tivesse um ar maldoso, ou, pelo menos, um bocado doido. Wally Osborne não parecia uma coisa nem outra. Era alto, esguio e bonito, com o cabelo loiro eternamente despenteado, olhos azuis profundos e um bronzeado ligeiro de verão que, Harry sabia, devia deixar as mulheres ali do sítio em êxtase. Achava que Rose

Osborne provavelmente teria dificuldade em ficar de olho num marido assim. Mas isso não era da sua conta.

De qualquer modo, encontrava-se em Evening Lake, eram três da manhã e ele estava a enfiar as calças de fato de treino que levava para o ginásio e uma camisola macia azul-escura, um presente da sua ex, a enfiar os pés nos ténis, a resmungar enquanto apertava os atacadores e a olhar para o cão, que continuava à espera.

– Muito bem, então vamos ver o que se passa, *Squeeze* – disse ele, resignado.

Não sabia bem o que poderia ser, mas era certo que o cão sabia alguma coisa e, como continuava a ser polícia, se bem que a pensar em desistir, tinha de investigar.

2

A casa de Osborne, perto da de Harry, repousava em toda a sua forma à beira do Evening Lake. «Repousava», e não «erguia-se», porque se tratava de uma casa sólida, feita para durar noventa anos antes por uma geração que respeitava uma mão-de-obra sólida e a arte do verdadeiro artesão.

Continuava a repousar, e não a erguer-se, passadas gerações e depois de muito vivida, uma estrutura de tábuas brancas, elevada sobre estacas à beira da água com uma varanda, ou «alpendre», como haveria sempre de se chamar, que percorria toda a sua extensão do lado do lago, e um molhe onde eram atracados uma variedade de pequenos barcos. Omar Osborne fora um dos primeiros a instalar-se ali e era sem dúvida um dos que votava na regra irrevogável que não permitia barcos a motor. Evening Lake permaneceria impoluto, esperava ele, para os seus descendentes.

Havia agora novas casas nas margens do lago, algumas delas de dimensão à Gatsby, mas as leis locais obrigavam a que o seu esplendor se mantivesse «simples», e continuavam ali de pé muitos tugúrios dos primeiros tempos, a madeira castanha agora descolorida num tom cinzento-prateado, uma recordação de tempos idos, ainda que continuassem a ser habitados e apreciados.

A casa era tradicional. Uma fileira de janelas de correr abria-se para o alpendre, albergando uma sala espaçosa e inundada de

luz, com sofás enormes e «bem vividos», forrados com um linho pesado cor de noz, e cadeiras confortáveis com almofadas que raramente eram afofadas, com o seu brocado creme, evidentemente trazidas de uma outra casa para se juntarem à miscelânea, dado que aquela casa nunca sentira as mãos de um «decorador».

«Encaixou-se tudo, simplesmente, como devia ser», era o que Rose Osborne dizia às visitas, e pedia desculpa pela esforçada escalada escada acima, uma escada larga de madeira que rangia. Quando lhe perguntavam, nunca sabia dizer se era de carvalho ou castanheiro e ficava sempre admirada com a pergunta, porque estava demasiado preocupada com o facto de as visitas terem de subir três pisos até aos seus quartos.

O quarto principal de visitas situava-se no segundo piso e tinha espigões que se uniam como sobranceiras por cima das janelas curtas. A cor preferida de Rose era turquesa e mandara pintar os espigões dessa cor alegre, se bem que agora, como não lhe agradava muito o transtorno que era pintá-los de três em três anos, a cor esmorecera para um tom a que Rose chamava o seu «azul paixão».

«Porquê paixão», perguntavam as visitas, e eram recompensadas com um sorriso e Rose a responder que muitas pessoas lhe perguntavam isso, mas era um segredo dela. Dela e do marido, Wally. Nunca contara sequer aos três filhos o seu significado. Que era ser exatamente da cor da camisa de noite em seda pura com que o marido a surpreendera na lua de mel, comprada numa qualquer boutique de preços extravagantes a que sem dúvida não se podiam dar ao luxo, mas que ele disse saber que lhe ficaria maravilhosamente e que queria fazer amor com ela a usá-la.

E assim fez. Fizeram. E a camisa de noite lá continuava, embrulhada num papel especial para conservar a seda, na segunda gaveta da esquerda do toucador, fechada e trancada. Uma memória conservada. Às vezes, quando sonhava com o passado, Rose destrancava a gaveta, retirava lá de dentro o embrulho, abria cuidadosamente o papel e olhava para a

peça de roupa mais bonita que alguma vez fora sua. A renda pálida, cor de champanhe, continuava delicada como sempre, o azul era tão turquesa como o Mediterrâneo numa noite de verão, quando aquela costa se iluminava à luz que esmorecia.

Nas traseiras da casa, uma floresta de bétulas subia a encosta, prateada ao amanhecer e ao crepúsculo, branca e descascada em plena luz do dia. Ao cimo do monte, as silvas emaranhavam-se nos pés de quem passava, os espinhos arranhavam as mãos infantis que procuravam amoras e os poços velhos, agora secos mas em tempos a única fonte de água fresca daquela zona, estavam em ruínas, afastados dos caminhos principais com avisos afixados de «cuidado».

A pequena cidade de Evening Lake, que na verdade não passava de uma aldeia, ficava a três quilómetros de distância, seguindo a estrada arenosa que ia dar às traseiras da casa e que possuía uma saída abrupta, cheia de cascalho, a que tinha de se estar atento senão passava despercebida. Havia um espaço coberto à esquerda, onde se podia estacionar o carro e, à direita, tentava vingar uma pretensa horta, onde delicadas alfaces de Boston abriam caminho na terra arenosa e os rabanetes atingiam dimensões gigantescas e onde, se não fossem protegidos por uma rede, os pássaros ou outros animais comiam todos os tomatinhos doces, que ali eram mais fiéis à sua origem como frutos do que como meros enfeites de salada.

Havia duas chaminés ao cimo da casa dos Osborne e, no inverno, o fumo elevava-se como plumas. O construtor fizera um bom trabalho tanto com essas chaminés como com tudo o resto.

À esquerda da porta principal existia um «espaço de arrumos». Chamavam-lhe «principal» porque dava para a estrada, embora nunca ninguém a usasse, dirigiam-se sempre diretamente para a cozinha pela porta das traseiras, que agora estava pintada com o azul-turquesa de Rose. Ali se arrumava o equipamento de pesca e as galochas, as raquetes de ténis, as coleiras de cão

e os impermeáveis, um aspirador, baldes e uma velha vassoura farfalhada.

O «ninho» de Rose e Wally ficava por cima da sala de jantar, uma divisão espaçosa com uma grande cama de ferro antiga. A música de Dylan «Lay Lady Lay» (na minha cama de ferro) costumava ser a preferida de Wally: tinham-na posto a tocar na velha aparelhagem vezes sem conta nesses primeiros tempos e claro que Wally acabara por se ver obrigado a comprar a grande cama de ferro. Debaixo da janela havia uma *chaise longue* comprida e branca onde Rose lia; encostado à parede, um bonito tocador em cujo espelho a luz caía na perfeição, e uma pequena casa de banho em mármore pálido com uma banheira suficientemente funda para ficar de molho e suficientemente grande para dois.

Mais à frente, seguindo pelo corredor, ficava o quarto das gémeas, um horror pastel de rapariga, com os seus tecidos drapeados, os enroladores de cabelo ainda ligados à tomada, pó de arroz espalhado e batons abandonados. O gato que tinham salvado da berma da estrada ainda bebé e que tiveram de alimentar a conta-gotas dormia nas camas delas. Agora um animal altivo, chamava-se *Bebé Noir* graças ao seu luxuriante pelo preto e pregava um susto dos diabos a qualquer pessoa que se aproximasse dele, exceção feita, claro, a Madison, porque era o querido dela. Havia também a *pug Peggy*: bege, de nariz preto achatado, lamechas e que ressonava, e a melhor amiga de Frazer.

Roman quase nunca deixava ninguém entrar no seu quarto, que mantinha numa escuridão quase absoluta. Tinha o andar de cima todo para si – sendo que o acesso se fazia através de uma escadaria que saía da cozinha e de umas escadas exteriores de madeira já bambas –, algo que sempre deixara dúvidas em Rose, especialmente com um adolescente. Quando ele era mais pequeno, ela trancava a porta e enfiava a chave no bolso. Agora Roman tinha dezassete anos e opunha-se a ser «trancado». O

pai saíra em sua defesa e a chave fora entregue, ainda que com reservas por parte da mãe.

– E se ele foge de noite, se sai a correr no escuro, para fazer farras, beber... fazer sabe Deus o quê? – perguntara ela a Wally.

Mas o marido afastara-lhe os receios com uma gargalhada, o mesmo trunfo de adolescente de sempre.

– Olha para ele – disse a Rose. – É um rapaz calmo, bem-comportado, responsável. Esforça-se muito, tem boas notas, está em vias de receber uma bolsa para uma boa universidade, deixa-o divertir-se.

Wally pensava que o filho era demasiado calmo e devia «divertir-se» mais, sair mais vezes sozinho. Ficava muito por casa, andava por ali, agarrado ao telefone ou ao *tablet*, sempre com a cabeça noutro sítio.

– É isso que é ser adolescente – enfatizou Wally.

Mas Rose não engolia esse lugar-comum e preocupava-se. Bem gostaria que ele fosse como as gémeas, sociáveis, encantadoras, em quem se podia tocar, abraçar e beijar o tempo todo. Tal como «ser adolescente», haveria sempre «coisas de rapazes». Com efeito, todos os lugares-comuns pareciam assentar bem ao filho. Pelo menos, agora.

Uma casa grande, portanto, mas nunca grandiosa. Uma verdadeira casa de família, cheia de amigos e pessoas de todos os tipos. Era assim a casa Osborne. Encantadora, tranquila, simpática. Até àquela noite. Em que tudo haveria de mudar.

3

ALGURES EM FRANÇA

Mallory Malone, agora ex-noiva de Harry, deitara tudo a perder. Abandonara a sua carreira de sucesso como «a detetive da televisão»; famosa por procurar homicídios esquecidos e fazer a sua reconstituição no seu programa de televisão, refrescando memórias passadas, antigos ressentimentos, velhos feudos, e muitas vezes chegando à verdade – e às vezes ao assassino. Linda, loira, fresca como um pepino frente à câmara, fora considerada uma mulher dura de roer. Agora já não.

Agora, estava sentada sozinha a uma mesa de café algures em França, a bebericar um *café crème* muitíssimo caro, fitando a pequena chávena como se os restos de espuma lhe pudessem adivinhar o futuro. E, uma vez que nem ela própria fazia ideia do que lhe reservava o futuro, esse pensamento era ridículo. Quando uma pessoa atirava a vida inteira ao ar – o seu trabalho, o seu homem, o seu coração – sobrava o quê? Paris, imaginara ela.

Mas, desta vez, Paris desiludira-a. No primeiro dia, sozinha no quarto minúsculo de um hotel acessível na Margem Esquerda, empoleirara-se à janela que dava para a rue de l'Université, a ouvir as crianças pequenas da escola que ficava do outro lado da rua cantarem aquilo que pareciam ser rimas infantis, ainda que por serem em francês, e o francês de Mal era mínimo, ela não tinha a certeza. E isso contribuía mais ainda para o seu

desespero. Já não tinha certeza de nada. Não tinha trabalho. Nem noivo. Certamente não tinha filhos.

Passados dois dias, e já não sendo capaz de suportar ser uma mulher sozinha em Paris, reuniu as suas coisas, colocou-as na única mala que trazia, pagou a conta e foi levantar o carro alugado – um *Fiat Uno* branco sujo onde quase não cabia ela e a mala e que, como ela o estacionara do lado errado da rua, já tinha um aviso de multa preso debaixo do limpa para-brisas. Tudo estava a correr no mesmo sentido.

Rasgou o aviso e espalhou os pedacinhos de papel na sarjeta da Margem Esquerda. Eles davam-lhe multas, ela retribuía com lixo. Estava prestes a abrir a porta quando parou o movimento para olhar, horrorizada, para o que acabara de fazer. Ela, Mal Malone, defensora de tudo o que era bom, destruidora de tudo o que era mau, mesmo mau, como ladrões, pedófilos e assassinos, tornara-se uma pessoa que deita o lixo para a rua. A sua cabeça descaiu. Todo o seu corpo se abateu. Agachou-se para apanhar todos os pedacinhos e foi à procura de um caixote do lixo. Nada. Mas onde deitavam os parisienses o lixo? Nas malas de mão, calculou, e foi exatamente o que fez então.

Sentou-se do lado do condutor, verificou a aparência no espelho retrovisor, passou a mão pelo cabelo loiro-escuro que lhe dava pelos ombros e depois prendeu-o atrás com um elástico. Não usava maquilhagem. Não se conseguia disfarçar olhos de choro com sombra e rímel. Não resultava. Tudo bem, de qualquer modo ninguém estava a olhar para ela e tinha sido tão escrutinada no seu programa de televisão que se sentia anónima sem a pintura de guerra.

Olhou para o tabliê a verificar onde todas as coisas que lhe eram familiares deviam estar, mas não estavam naquele carro francês. Premiu um botão. Os limpa para-brisas rodaram, barulhentos, diante de si. Outro botão. Sentiu um remoinho de ar quente em seu redor. Tocou sem querer na buzina e deu um salto ao ouvir o som forte, depois acenou um pedido de desculpas ao

homem sentado no carro à frente do seu, que lhe lançou um olhar que ela adivinhou querer dizer «estrangeira burra», o que, nesse preciso momento, ela era mesmo.

Sentiu um peso no peito. Naquele momento, sentia também mais falta de Harry Jordan do que qualquer homem merecia. Ele deixara-a sozinha demasiadas vezes, só telefonara quando já era tarde de mais; não aparecera para jantar. O trabalho dele estava em primeiro lugar, embora tivesse sido ela a desistir por vontade própria do seu de maneira a poderem estar juntos sem haver choque de horários. O dela e o dele. Contudo, agora só havia o dele, e era inteiramente absorvente. Mal julgara que eles tinham um futuro; tornara-se de súbito claro que não era assim. Pelo menos, o tipo de futuro que ela queria: o casal cúmplice que passava o tempo junto, férias, uma casa, as coisas normais que todas as mulheres queriam. Pelo menos, ela achava que queriam, e todas as mulheres que conhecia, exceto ela própria, haviam-no conseguido.

Mal perguntava-se se seria culpa sua, afinal de contas tinha um passado complicado, uma infância dura sem dinheiro e com uma mãe solteira, que fumava erva e estava sempre a fugir da lei e da renda por pagar, a arrancar Mary Mallory, como ela se chamava então, de escolas a que a rapariga começava justamente a tentar adaptar-se. «Adaptar-se» não estava destinado a fazer parte do futuro dela e da mãe. A mãe era «complicada», de um momento para o outro passava de doce, generosa e carinhosa a reservada e muda.

Mal estava longe, na universidade. A mãe vivia numa caravana no Oregon, numa praia enorme onde as ondas rolavam, numa crescente fúria verde espelhada, instigadas por milhares de quilómetros de vento vindo do Japão. Mal tinha ido a «casa» passar o Dia de Ação de Graças e encontrara a mãe de pé, à beira-mar, com os braços abertos acima da cabeça, como se desafiasse aquelas ondas letais, cheias de energia, a virem buscá-la. Mal gritara para a avisar. Desceu a encosta da falésia a correr

para chegar junto dela e viu, horrorizada, a mãe ser erguida por aquela onda. Viu-a curvada no cume da onda quando esta atingiu o seu pico, indo depois bater na areia. O corpo da mãe nunca foi encontrado e uma nova Mary Mallory foi obrigada a aparecer.

Essa experiência fortaleceu a sua determinação em tornar-se alguém. Começara por baixo, como assistente «menor» no canal televisivo local, gradualmente foi prosseguindo e subindo ligeiramente na carreira, adquirindo o conhecimento de como tudo funcionava enquanto estava sentada no gabinete do diretor, a puxar os cordelinhos certos, maravilhada com a pose e a confiança das pessoas em frente das câmaras.

Gastou todos os tostões ganhos, depois de paga a renda e os *noodles ramen*, a melhorar a sua aparência aprendeu a usar maquilhagem vendo as mulheres aplicá-la a outras e fazendo as perguntas certas. Treinou para manter direito o seu corpo alto, sem descair os ombros, obrigou-se a deixar para trás o passado e as suas inferioridades.

De forma clássica, surgiu uma emergência em estúdio; um apresentador não comparecera para a entrevista e Mal foi chamada por ser a única com uma aparência pronta para a câmara. Saiu-se tão bem que lhe ofereceram um pequeno segmento de quinze minutos só para ela, a falar de assuntos da região. Foi a partir daí que as coisas começaram.

Passados dez anos, encontrava-se em Nova Iorque com o seu próprio programa importante, um luxuoso apartamento *penthouse* e uma vida de total solidão, à parte o trabalho e os eventos sociais para que era convidada, que ela se recusava a reconhecer. Até que conheceu Harry Jordan em circunstâncias estranhas. Nunca nada voltou a ser como antes.

Harry «salvara» verdadeiramente Mal. Claro que ela já era um sucesso, mas no seu íntimo continuava a ser a amedrontada Mary Mallory Malone, sempre à espera que tudo desabasse e voltasse ao «normal», ou seja, como era quando ela começara, sozinha, aos dezoito anos.

Harry Jordan era um tipo tão correto, tão íntegro e regular debaixo da sua máscara de polícia macho que lhe foi impossível não se apaixonar por ele. Harry fazia amor com Mal como se ela fosse a única mulher do mundo, fazendo-a sentir-se mais bonita do que qualquer ângulo de câmara conseguia; Harry fazia-a sentir-se amada. Isto é, quando aparecia. E era esse o problema deles.

E pronto. Ela deixara-o. Partira impulsivamente para Paris e deu por si mais sozinha do que naquelas longas noites em que esperava que Harry Jordan, o detetive de homicídios, aparecesse para lhe dizer que a amava tanto, mas que infelizmente surgiria alguma coisa e ele tinha de se ir embora imediatamente. Uma mulher só consegue aguentar este tipo de coisa até certo ponto.

E depois Paris desiludiu-a. Custava-lhe a acreditar. A Cidade da Luz nunca desiludira ninguém. Seria a única pessoa que se sentia sozinha, rejeitada pelos seus cidadãos atarefados, pelos turistas em grupos, os amantes que se beijavam por cima de minúsculas mesas de café nas esplanadas de passeio, os empregados de mesa condescendentes dos restaurantes elegantes onde ela se aventurara a ir. «Uma mulher sozinha», diziam os olhos deles quando lhe perguntavam se estava à espera de *monsieur*. Não havia *monsieur*, respondia o olhar dela.

Gerir o surto de trânsito em redor do Arco do Triunfo quase deu cabo dela; devia ter circulado meia dúzia de vezes antes de conseguir sair num sentido que ela esperava apontasse para sul. Três horas mais tarde, parou num daqueles cafés de estrada imaculadamente limpos, onde, de mãos ainda a tremer devido à condução de pôr os nervos em franja, bebeu dois cafés e comeu um pãozinho sem manteiga, porque era a única coisa que vendiam àquela hora. Mal descobriria em breve que o francês provinciano comia entre o meio-dia e as duas horas e nem um segundo depois disso. Reabriam às seis para «jantar» e fechavam cedo, por volta das oito. Que Deus ajudasse quem desse por si, como era o caso dela, cheio de fome nos intervalos.

Uma máquina de pôr moedas entregou-lhe um pacote de batatas fritas e uma *Fanta* de laranja com gás, que ela guardou para mais tarde, «pelo sim pelo não». Afinal de contas, podia acabar por passar a noite num lugar onde ninguém servisse jantares, quanto mais um copo de vinho tinto para nutrir uma rapariga durante as longas horas de solidão, na cama, sozinha. E provavelmente a chorar.

Agora, escassas horas depois de ter deixado Paris, atordoada por ter estado encafuada num assento demasiado pequeno e estreito para a sua figura de pernas compridas e um metro e oitenta, tinha acabado ali. Em França. No meio de nenhures.

Apesar de ter jurado não pensar nele, perguntou-se o que estaria Harry a fazer. A apanhar assassinos, calculava ela. Ah, mas onde estava Harry Jordan? Porque não viera atrás dela?

– Merda – disse em voz alta, mas depois lembrou-se que era uma senhora. Nem sequer devia pensar nessa palavra, exceto em circunstâncias especiais. Nem em Harry Jordan.

Mas pensava. E por isso telefonou-lhe.